Imagem: Markus Mainka / Adobe Stock

PAZ, DIÁLOGO E CULTURA DO ENCONTRO: COMO FALAR DESTE TEMA EM MEIO ÀS POLARIZAÇÕES?

◆ Prof. Padre Adelmo Sérgio Gomes* ◆

Falar de diálogo e paz num mundo polarizado e violento pode parecer devaneio de um romantismo bobo ou covardia disfarçada de bom senso, afinal, quando se pede abraço se recebem pedras, quando se estende a mão se recebem socos, quando se senta à mesa se recebe uma virada dela.

A polarização não é um mal em si, mas é sintoma de uma "doença", ou seja, a desumanização das pessoas. Para justificar a nossa violência, reduzimos as pessoas a coisas, a bichos ou a demônios. Negamos a humanidade compartilhada quando distribuímos rótulos às pessoas. Nós as chamamos de fascistas, esquerdistas, comunistas, alienadas, elitistas. Isso é um ato de violência simbólica antes da agressão física. É como se disséssemos "Você não é uma pessoa, você é um erro a ser corrigido, um inimigo a ser aniquilado". Os atos de encontro e diálogo se transformam em atos revolucionários.

Primeiramente, precisamos desfazer alguns equívocos. Dialogar não é concordância, dialogar não é aceitar o inaceitável, nem relativizar verdades fundamentais. Dialogar é ouvir o outro, ainda que eu não concorde com o que ele fala. Discordar do outro, no entanto, mantendo o seu direito de falar. A paz que buscamos não é ausência de conflitos, nem a morte do pensamento diverso. A paz é a gestão criativa e ética do conflito.

No dia a dia, as redes sociais nos arrastam para o extremismo e os algoritmos premiam a agressividade, portanto, comecemos com uma escuta atenta

Escutar para compreender e não para rebater. Pergunte-se: o que na vida daquela pessoa a levou a pensar assim? Não é para validar o erro, mas para compreender com o coração desarmado. Nossa tarefa deve ser humanizar o discurso. Em vez de atacar o caráter, fale do incômodo daquela ideia.

É preciso resgatar a complexidade, reconhecermos que o outro lado pode ter uma nuance que você não enxerga. Mesmo que discordemos de tudo, podemos concordar que a água precisa ser limpa, que todas as crianças precisam ser protegidas e que o futuro precisa existir para nós todos. O encontro é um exercício de coragem, não de fraqueza, porque é mais fácil gritar do que ouvir, é mais fácil cancelar do que conversar.

A história nos ensina que nenhuma verdadeira transformação social aconteceu sem o desconforto do encontro. Martin Luther King, Mandela, Gandhi e o próprio Jesus Cristo dialogaram com os seus algozes. Ofereceram a outra face não por submissão, mas por força moral inabalável.

Falar de paz é um ato de resistência. É recusar-se a ser definido pelo ódio alheio. Mesmo que possamos discordar uns dos outros, ainda dividimos o mesmo céu, a mesma Terra e a mesma frágil condição humana. Quando falta o diálogo, sobra a barbárie disfarçada de razão. No fim, a barbárie não escolhe lados, devora a todos.

Que tenhamos a coragem de sentarmos à mesa, mesmo em desconforto, não para assinar um tratado de rendição, mas para redigirmos, juntos, um novo pacto de civilidade. O futuro não é dos violentos, dos que gritam, mas dos que sabem ouvir o silêncio do outro. ●

***Prof. Padre Adelmo Sérgio Gomes** é sacerdote da Diocese de Divinópolis (MG). É também vice-postulador da causa de beatificação e canonização do Venerável Servo de Deus Padre Libério.